

Novo molde de lucernas aparecido em Braga

POR

José João Rigaud de Sousa
Professor do Conservatório de Braga
Da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Tivemos ocasião de registar, em 1966, nestas mesmas páginas, o aparecimento durante as obras de abertura da rua de Santos da Cunha (freguesia de Maximinos, Braga) de um molde de lucernas do maior valor.

Tratava-se da parte inferior de um molde de barro esbranquiçado, muito bem cozido, com a marca do oleiro L. Munatius Threptus e que serviu para fabricar lâmpadas de volutas do tipo Dressel I4, Broneer XXIII, British Museum 84, Loeschcke VI ou Palol 8, quer dizer uma peça do segundo quartel do séc. I d. C.

Recordemos a descrição sucinta que então fizemos. O fragmento que estudamos estava reduzido a uma parte da base, do depósito e início das volutas do bico. Na sua face exterior, para diminuir a espessura das paredes, foram abertos orifícios cónicos. Nesta mesma face, mas no fundo, vêem-se os restos duma legenda profundamente gravada (DO numa linha e MI na seguinte). No fundo da face interna, isto é, na parte correspondente à base da lucerna lê-se, no centro de um círculo, em letras relevadas, a marca do oleiro L. Munatius Threptus, escrita de forma retrógrada ou seja TPERTNUM.

Ora, já depois da publicação das referidas notas, foi-nos dado conhecer um novo fragmento de molde encontrado no mesmo local e na mesma altura do já descrito e que se encontrava retido na posse de um particular.

Este novo molde é em tudo semelhante ao anterior mas de dimensões maiores. Infelizmente também se encontra fracturado e desta vez a fractura deu-se exactamente pelo ponto onde devia estar a marca eliminando-a na totalidade e igualmente nada acrescenta para a interpretação da legenda exterior, da qual só nos ficou a primeira linha DO.

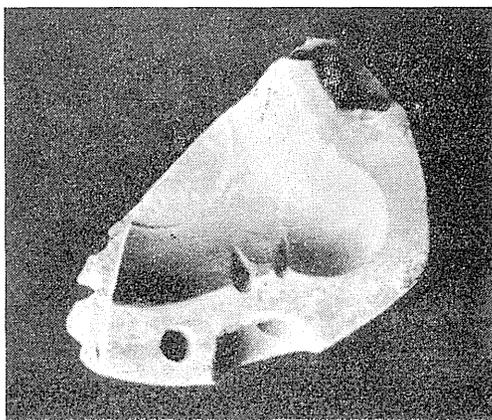


Fig. 1 — Face interna do molde

A importância de este novo achado é vir juntar mais um elemento probatório da existência duma oficina de fabricação de lucernas em Braga. Foi extremamente lamentável para o prestígio da ciência nacional não terem sido efectuadas escavações no local. Se os responsáveis pelas obras tivessem cumprido o que está determinado pela lei (Dec. 20 985 de Março de 1932, art.º 48) ter-se-iam obtido importantes dados científicos e evitado que esses elementos se dispersassem pelas mãos de particulares, para já não falar dos que inevitavelmente se perderam.

No nosso anterior estudo, púnhamos como hipótese a possibilidade do molde então referido ter sido fabricado em Braga ou porque a oficina de L. Munatius Threptus fosse bracarense ou porque algum oleiro bracarense tivesse reproduzido abusivamente o molde. Na altura, já consideramos estas duas hipóteses como

muito pouco prováveis, julgando no entanto como hipótese mais viável a existência em Braga de uma sucursal desse oleiro.

Tempos depois, tivemos a possibilidade de conseguir que fosse feita uma análise rigorosa da pasta com que foi fabricado o molde (1). Por ela se verificou que a argila utilizada não era da região bracarense, o que veio fortalecer ainda mais a nossa anterior

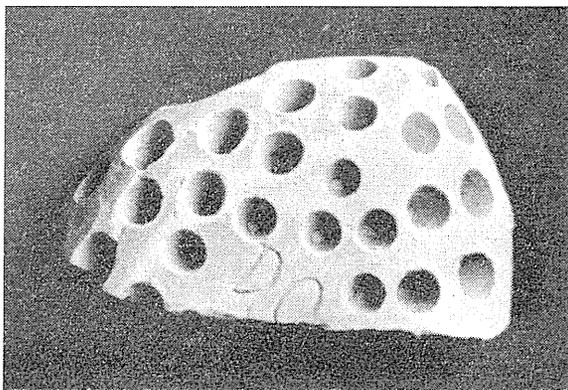


Fig. 2 — Face externa do molde

opinião. Infelizmente, por motivos alheios à nossa vontade e à do ilustre técnico autor da análise, foi impossível continuar com ela no intuito de determinar a origem da argila.

O aparecimento de mais este molde, agora referido, também milita a favor da hipótese então formulada.

Em resumo podemos afirmar que continuamos a perfilhar as conclusões então tiradas, de que em Braga, no segundo quartel do séc. I d. C. se fabricaram lucernas de boa qualidade, atendendo à qualidade dos moldes utilizados e que possivelmente essa oficina era subsidiária da de Munatius Threptus.

(1) Ao Dr. António José Rebolho Lapa agradeço toda a boa vontade que pôs na análise da pasta destes moldes, fazendo votos para que a prossiga e em breve publique tão útil trabalho para prestígio da nossa arqueologia.

As Moiras da Fonte de Numão

POR

Rogério Azevedo

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto
e do Conselho Director da Soc. Portug. de Antropologia

No fascículo 3-4 do vol. XX dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, inscreve-se uma interessante «comunicação» apresentada pelo meu Amigo Dr. J. A. Pinto Ferreira, ilustre director do «Gabinete de História da Cidade», departamento cultural da respectiva Câmara Municipal.

Essa «comunicação» dedicada ao «achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão» transcende o vulgar achado de peças arqueológicas que depois de bem escovadas ficam à mercê da gula insofrida dos arqueólogos que por cá vicejam entre os quais eu sou um elemento serôdio e pouco conformista.

O estudo foi apresentado na sessão científica realizada em 12 de Março de 1968 e, por tal apresentação, deverá ser louvado não só o fervoroso numantino como quem salvou a peça da destruição iminente e a divulgou, e para quem as pequenas coisas da sua terra são sempre grandes, o benemérito clínico numantino Sr. Dr. João Gouveia.

Esta, porém, parece-me que seja, realmente, uma «pequena grande coisa», ainda que o não pareça, e por isso, bem haja a sua diligência.

Eu conheci o trabalho antecipadamente à sua publicação, por lhe ter dado ínfima colaboração na parte epigráfica, ou seja, na leitura da epígrafe que aparece na Fonte discutida e que, actualmente, está submersa.

Perante a incredulidade cartesiana de alguns e a indiferença dos restantes, afigurou-se-me ser uma inscrição grega gravada em caracteres arcaicos que se apresenta desta forma simples e bem legível:

The image shows the Greek word 'Νοῦς' (Nous) written in a cursive, archaic script. The letters are connected and have a slightly irregular, hand-drawn appearance. The first letter is a capital 'Ν', followed by 'οῦ', and then 'ς'.

A minha interpretação, para a qual usei os caracteres jónicos, foi — Νοῦς — genitivo singular de Νόος que tem o significado de «pensamento», «sabedoria», «inteligência», «espírito», «sagacidade», etc., e dela se fez a *noética* da filosofia. Entendi, porém, que estando no genitivo, seria um complemento determinativo de palavra omissa que, sem dúvida, seria representada fisicamente, pela própria *fonte* — «fonte da sabedoria», «fonte da sagacidade», «fonte do espírito», etc., etc., que, por simplificação e por analogia com as apócrisis dos oráculos, em vez de Κρήνη νοῦς se cingiria apenas a Νοῦς. Esta palavra teve grande importância na filosofia da Anaxágoras que a utilizou para definir o ser inteligente que pela primeira vez deu o movimento à matéria.

As minhas observações, porém, ainda que possam confirmar a minha interpretação, não são, fundamentalmente, dirigidas ao termo interpretado que, para os conhecedores das vicissitudes por que passaram os alfabetos gregos, não tem qualquer dificuldade de leitura e de compreensão. São, sim, dirigidas, especialmente, às três figuras femininas esculpidas em baixo-relevo num pedaço de granito de $1,40 \times 0,45 \times 0,28$, exumado junto à fonte quando procediam, por motivos de salubridade, às obras de entaipamento. Estas obras infelizes e bárbaras desfiguraram, completamente, o monumento.

A primeira hipótese que ocorreu ao ilustre pesquisador, o Dr. J. A. Pinto Ferreira, foi a que imediatamente afloraria a qualquer pesquisador desprevenido por ser simples e verosímil e, portanto, a mais prudente — a de *Ninfas* — que são atraentes e numerosas; Hesíodo assegura que eram três mil!

É muito natural que no campo das hipóteses se escolha, à cautela, a mais fácil de aceitar pela maioria, indolentemente alérgica à polémica. Entre três mil Ninfas, frescas e airosas, fácil é, sem dúvida, agarrar três em que tão reduzido número não coarctar direitos e deixa aos pesquisadores sobrantes a faculdade de terem ainda 2997 Ninfas para se entreterem na pesquisa. Contudo, a hipótese apresentada, a despeito das implicações, é suficientemente aliciante e, até certo ponto, convincente. A personificação das forças da natureza que as Ninfas representam — bosques, rios, fontes, etc., etc. — seria uma razão importante para um primeiro critério superficial e a hipótese resultante nem necessita que a fundamentem; a banalidade torna-a intuitiva.

Entre as inúmeras ordens de *Ninfas* havia as *das águas* que compreendiam as *Oceânidas* (Ninfas marinhas) as *Nereidas* (dos mares interiores) as *Potâmidas* (dos rios) as *Naiades* (dos arroios) as *Limnades* (das águas paradas) e as *Creneas* (dos mananciais), etc., etc. As artes plásticas representavam-nas *nuas* ou *quase nuas*.

Ora será isto o que as três figuras *enroupadas* querem representar?

Sem pretender dar por findos — ou sequer abalar — os juízos feitos acerca de tais figuras, seja-me lícito apresentar as minhas dúvidas acerca das *Ninfas* e fundamentar a hipótese noutro rumo.

Para tanto analisarei este caso como paradigma etnográfico de profundidade lembrando sempre que *dubitando ad veritatem parvenimus*.

Para seguir uma ordem de análise colocarei primeiramente em evidência — a *tradição* — que sendo um dos elementos de estudo da Etnografia e nos ajuda a interpretar o sentido das figuras, é por ela que deverei começar.

Em primeiro lugar temos de referir que à denominada *Fonte do Campelinho* sobre a qual estou a alinhar estas linhas, anda ligada uma lenda de *Moira encantada*. Esta lenda vem transcrita na «comunicação» apresentada pelo Dr. J. A. Pinto Ferreira que a ouviu de uma senhora Antónia Cavaca, de quase 90 anos, que a deve ter recebido de outras pessoas de antes dela que, por sua vez,

a receberem de outras que, na origem, narrariam uma *tradição mitológica*.

Nesta lenda aparece frequente o número 3 — os três pães de trigo, as três mulheres, Zara, Cacina e Lira e as três fontes por onde elas se espalham: a do Campelinho, em Numão, a de Sta. Clara, em Penedono e a da Conselheira, em Longroiva ⁽¹⁾.

Ora, segundo o narrado, o desencantamento das *Moiras* consistia em que determinado indivíduo lançasse em cada uma das fontes um dos três pães que trazia consigo e lhes eram destinados. Saiu-se bem da tarefa em duas fontes mas na terceira, que era a do Campelinho, e agora nos move, como o pão que lhe era destinado tivesse sido, inadvertidamente, cortado por pessoa estranha, não se pode dar o desencantamento pelo que a *Moira* ficou ligada, eternamente, à fonte.

Facto digno de atenção é o que a senhora Antónia Cavaca refere: — «ter ouvido várias vezes a *moira encantada a encher as canelas do tear*, etc. Chamo aqui a especial atenção para o facto de a *Moira tecer*.

Desta narrativa pitoresca e ingénua em que se descobre uma verdade tradicional transformada numa lenda poética e que eu reduzi a um mínimo compreensível, resultam vários factos que convém assinalar:

- a) O número 3 que já evidenciei: três pães, três fontes e três *Moiras*.
- b) O facto, aparentemente anódino, de que a *Moira* que restou encantada, tecia.

Acrescentando a estes itens mais um, que é o conhecimento do significado da inscrição, mais interesse pode ter o que a seguir se apresenta, mas que a sagacidade do leitor já terá decifrado.

(1) Antiga *Longobria* ou *Langobria* de *λογγοβρία* ou *λαγγοβρία*, do verbo *λογγάω* ou *λαγγάω*, «estender», «engrandecer».

*
* *

*Moir*a é uma palavra que entra com frequência nas lendas das nossas terras — mesmo daquelas em que os *Moiros* passaram galopando e até, daquelas em que nem os *Moiros* passaram. Se por um lado esta persistência, fundamentada na «sabedoria popular» que explica tudo o que é antigo como obra dos *moiros*, por outro lado quem se embrenhar na Etnografia e na Etnologia, ultrapassando momentaneamente a sua epiderme, chegará a conclusões muito precisas mas também muito estranhas aos arqueólogos.

Fundamentalmente, a observação indica-nos que é sempre o feminino *Moir*a que prevalece nas lendas poéticas do povo, sobrepondo-se e antepondo-se sempre ao masculino *Moiro*. Há sempre uma «*Fonte da Moira*» em qualquer terra e não *Fonte do Moiro*.

Ora *Moir*a é um étimo grego — *Μοῖρα* — derivado do verbo *μείρομαι* (dividir, obter pela sorte) de que resultou para aquele termo o significado de «parte», «lote», referido a território e, por conclusão, — «sorte», «destino», referido aos indivíduos. Deste modo, *Μοῖρα* foi a personificação do *Destino* nos autores gregos. Homero, por que a identificou com Zeus (1) emprega-a uma única vez no plural — *Μοῖραι* (2).

Assim como Homero ligou a *Moir*a a Zeus, os sincretistas — que confundiram o deus pai com Serápis — também ligaram este à *Moir*a (3).

Hesíodo fixa o número de três às *Moiras* — *Láquesis*, *Cloto* e *Átropo* em resultado da crença popular e Platão no mito de *Er* põe este, depois de morto em batalha, a assistir ao julgamento das

(1) *Il.*, XXI, 82-84.

(2) *Il.*, XXIV, 49.

(3) Vd. a inscrição de Panóias em Valdenogueiras, Vila Real que, além de conter uma melodia que eu publiquei em 1958 (*O Onomástico ibérico*, págs. 218-226) tem a *Moir*a ligada a Serápis, v. g.:

ὄψιστω Σεράπιδι σὺν Μοῖρα καὶ μυστηρίοις que diz: «Ao altíssimo Serápis, juntamente ao Destino omnipotente e aos seus mistérios».

almas. Sentadas sobre tronos, a intervalos iguais, viu que estavam três mulheres — as *Moiras* — filhas da Necessidade e que *cantavam, fiando*, os destinos dos mortais ⁽¹⁾. Conforme a Hesíodo, os seus nomes também eram — *Lâquesis, Cloto e Átropo* cantando cada uma, respectivamente, o passado, o presente e o futuro. O que verdadeiramente interessa é o que o hierofante proclamava em nome de Lâquesis:

«Almas efémeras, ides começar vida nova e renascer na condição de mortais. *Não é uma divindade que vos tirará a sorte; vós é que ides escolher a vossa sorte. A sorte que cada um escolher, ficar-lhe-á necessariamente vinculada.*

Quanto à virtude não haverá coacção: *cada um terá mais ou menos, segundo o apreço ou desprezo que lhe votar. Cada um é responsável pela sua escolha; a divindade nenhuma responsabilidade tem*» ⁽²⁾.

Nesta transcrição sublinhei algumas frases cujo conteúdo tem importância fundamental. Se as almas é que escolhem a *Moira* que lhes fica vinculada sem interferência da divindade, sendo portanto responsáveis pela sua eleição, é justificável a epígrafe contida na Fonte — *Noös* — «da sagacidade», pois que as almas bem precisariam dessa subtileza para não escolherem apressadamente, sem o auxílio do conhecimento, que a fonte lhes dava, segundo a epígrafe nela gravada.

Vejamos como as figuras se apresentam:

Não há dúvida que aparecem vestidas com o *quilon* jónico comprido. As *Moiras* eram austeras e as Ninfas apresentavam-se nuas ou quase.

Cloto era representada como fiandeira ou urdidora, *Lâquesis* como tensora do fio e *Átropo* como cortadora do mesmo. Assim, *Cloto* costumava ser representada com roca, *Lâquesis* com uma pluma ou um mundo e *Átropo* com uma balança. Nada disto, porém,

(1) Platão, Rep. 614a-617e.

(2) *Apud* A. Freire, S. J. *Conceito de Moira na Tragédia grega*, pág. 115, Braga, 1969.

está perfeitamente visível no baixo-relevo, tosco e corroído. Contudo, se analisarmos bem verificamos que a primeira figura à esquerda do par (fig. 2) — seria Cloto — segura na mão direita o fuso do fio que a figura seguinte — que seria Láquesis — avançando

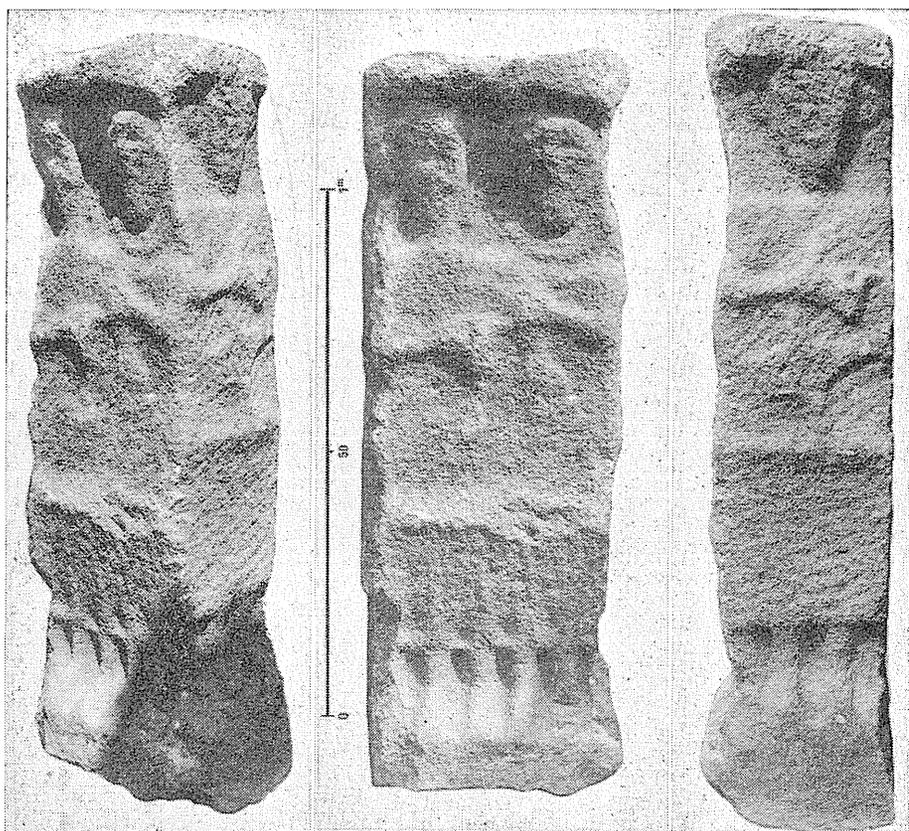


Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

a mão, parece esticar. Por exclusão de partes a que está isolada seria Átropo a cortadora do fio, que parece segurar na mão esquerda qualquer coisa de que se não distinguem formas precisas.

Dada a importância deste caso que, aliás, não é insólito, e as implicações que ele comporta, julgo não ser possível encerrá-lo

com uma tão breve análise como esta. Contudo, como o tempo é asinha e o espaço não avulta, limito-me a apresentar em resumo, as conclusões a que me dei liberdade:

- a) A nascente, como é óbvio teria sido aproveitada, inicialmente pelos incolas Lusitanos que «usavam os costumes Lacedemónios» ⁽¹⁾ e «casavam à maneira dos gregos» ⁽²⁾.
- b) O objecto *Fonte* seria, portanto, fundamentalmente, pré-romano.
- c) Ao ser adaptado pelos romanos, depois da ocupação, estes ter-lhe-iam construído a abóbada para resguardo.

Se, porém, nessa adaptação, o trabalho dos incolas foi respeitado e integrado, não o sabemos. Esse conhecimento poderá depender da investigação aturada no local para a qual — em qualquer sentido — me mingua a autoridade.

Ocorre, portanto, perguntar: — Não datará, a inumação das figuras do momento em que, na adaptação da Fonte, prescindissem delas pelo que seriam então derrubadas e inutilizadas mas não esquecidas pelo povo? Será, esse derrube, posterior?

Para se compreender a razão destas dúvidas é de interesse recordar que na mitologia romana (baseada, aliás, na grega) situavam-se as três *Parcas*, sucedâneas imediatas das três *Moiras* gregas, com os nomes de *Nona*, *Decuma* e *Morta*, equivalentes das helênicas — *Cloto*, *Láquesis* e *Átropo*.

As *Parcas*, porém, eram frequentemente, confundidas com as *Fúrias*, que nos gregos eram *Erínias* (Ἐρινύες n. pl. de Ἐρινός) facto que não acontecia com as *Moiras* que «não eram potências cegas mas personificações da força inteligente e justa que preside ao governo do universo» ⁽³⁾.

(1) *Vd.* Estrabão, *Geogr.*, Liv. III, c. III, pág. 128 da ed. Müller.

(2) *Ibid.*, pág. 129.

(3) *Vd.* J. A. Hild, em *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, t. II, Paris, 1926, pág. 1018 *apud* A. Freire, S. J. — *Concetto de Moira na Trágédia grega*, 1969, pág. 127.

O número das *Fúrias* como o das *Erínias* não era rígido; Ésquilo, por ex., tanto lhes dá o número de três como o de cinquenta. Todavia, tanto as *Fúrias* romanas como as *Parcas*, da mesma origem, estão em desacordo:

- a) Com a escultura que não é romana;
- b) Com a epígrafe que está gravada em grego;
- c) Com a *tradição* em que *Moiras* será reflexo dum remanescente mitológico que cristalizou nas lendas do povo.

É muito possível que este, na sua simplicidade — sem erudição sábia — relacione as *Moiras* com os *Moiros*, únicos actores dum facto de que ele tem memória; ao longo do tempo sobrenadou em lirismo cantante. Fiado na magia que tudo pode resolver, julga-as encantadas por não ter saída mais airosa para a sua explicação. É certo, porém que há, exclusivamente, *Moiras* encantadas e não *Moiros*, o que reduz muito as premissas...

Como se deve ter notado, o assunto é aliciante e não fica, de modo algum, encerrado com estas sumárias «conclusões». Todavia, se vim agora falar dele tão apressadamente, foi no intuito simples de me antecipar a qualquer juízo que possa vir a atribuir tudo isto aos celtas numa nobre integridade intelectual que o torne sólidamente sábio, misterioso, inexplicável e, portanto, fatalmente conclusivo...